

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

# ALTERIDADE E AUTONOMIA: Noções em construção

**Autora: Nely Aparecida Rizzoli Moratelli<sup>1</sup>**  
**Orientadora: Tânia Maria Rechia Schroeder<sup>2</sup>**

## RESUMO

O presente artigo aborda questões referentes ao trabalho docente no espaço da sala de aula, palco de tensões, e as dificuldades de desenvolvimento do trabalho do professor neste cenário. Objetivando encontrar caminhos para melhorar as relações interpessoais em sala de aula, desenvolvemos um projeto de intervenção no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), que teve como escopo propiciar aos professores do Colégio Estadual Alberto Santos Dumont em Cafelândia – PR, um aprofundamento teórico das noções de alteridade e autonomia a partir de Paulo Freire e Rubem Alves. Partimos do pressuposto de que para melhorar as relações interpessoais em sala de aula é necessário conhecimento científico sobre o acolhimento das diferenças nos modos de ser e de viver de todos os membros da escola. A implantação do projeto realizou-se por meio de oficinas ancoradas na fundamentação teórica, em filmes, imagens, poemas e músicas com professores das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em razão de compreendermos a oficina pedagógica como uma metodologia de trabalho caracterizada pela “construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” (CANDAUI, 1999, p.23).

**Palavras-chaves:** Trabalho Docente. Alteridade. Autonomia.

---

<sup>1</sup>Professora Pedagoga com formação em Pedagogia, Especialista em Orientação, Supervisão e administração escolar da rede estadual de educação do Paraná, Colégio Estadual Alberto Santos Dumont - Ensino fundamental e médio, Cafelândia, NRE Cascavel, PDE 2012/2013.

<sup>2</sup>Professora do curso de Pedagogia do *campus* de Cascavel e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

## INTRODUÇÃO

Para este trabalho escolhemos o tema da alteridade e da autonomia por compreendermos que a educação formal deve trabalhar de maneira a ensinar virtudes e não focalizar exaustivamente os "vícios".

Advogamos que um indivíduo que possui um nível de autonomia baseado em princípios éticos e morais de convivência de seu grupo social, certamente tomará decisões que considerem o princípio da alteridade.

Pretendeu-se aqui que a formação dos professores não se restrinja a questão de domínio de conteúdos específicos de sua área de atuação, mas uma reflexão contínua em torno de todas as variáveis que ocorrem na sua prática diária e que são difíceis de prever, isto é, as relações interpessoais em sala de aula que, por vezes, são deveras conflituosas por falta de habilidade das pessoas envolvidas em respeitarem o outro.

Para esse fim, entretanto, tornou-se necessário que o professor tivesse elementos teóricos nos quais pudesse apoiar-se cientificamente para fazer sua análise e modificar, posteriormente, sua atitude.

[...] A competência técnica científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à construção do conhecimento onde “o medo do professor e o mito que se cria em torno de sua pessoa vão sendo desvelados” (OLIVEIRA apud FREIRE, 2001, p.11).

Foi nosso propósito instaurar o debate sobre as noções de alteridade, como algo a ser construído de forma efetiva na ação docente e contribuir para a implantação de ações que acolham as diferenças na vida em sociedade e na escola de forma autônoma como uma capacidade desenvolvida num ciclo contínuo de ação e reflexão por parte dos professores e alunos, no qual suas decisões tenham consequências reais na melhoria das relações de convivência, e aí encontramos como núcleo dessa ação, a noção de responsabilidade.

O trabalho da construção da autonomia fundada na alteridade, que se apresentou como um projeto, parte da constatação de que ainda não temos a autonomia configurada da forma como julgamos que ela deveria ser. Entretanto, temos já em nossas escolas algumas condições que poderão ser exploradas, como ponto de partida de nosso caminho.

O que se exigiu dos professores, para essa tarefa, foi, fundamentalmente, um maior aprofundamento sobre questões que norteiam as relações interpessoais instrumentalizando-o com subsídios teóricos e práticos na escolha de metodologias que favoreçam o processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula, com uma consciência crítica e o propósito firme de ir ao encontro das necessidades concretas de sua sociedade e de seu tempo histórico.

Esse trabalho tem a intenção de contribuir, modestamente, para a promoção de reflexões que auxiliem a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem escolar a compreenderem que a prática pedagógica é uma tarefa extremamente complexa que requer a habilidade de problematizar constantemente as contingências da sala de aula. Para tanto, é necessário um trabalho sistemático e contínuo para a formação de profissionais com competências para ensinar respeitando os princípios de alteridade e de autonomia dos indivíduos.

## **ALTERIDADE E AUTONOMIA**

Ensinar exige respeito à autonomia do outro, saber necessário à prática educativa, e que se funda no inacabamento, fala do respeito do ser do educando: jovem, criança, adulto. A afetividade como respeito à autonomia e à dignidade emerge de uma exigência radical constituída no relacionamento com o aluno, no encontro com o educando, pois “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1999, p.66).

É relevante salientar que o professor necessita, além de métodos e técnicas, ser cauteloso em cuidar do aspecto da sensibilidade humana de relacionamento e comunicação e busque sua própria autonomia. De acordo com Alves... “o professor, além de exercer o ensino abstrato das disciplinas: é preciso que ele se transforme num mestre de prazeres...”. (ALVES, 2002, p.114).

Assim o trabalho do professor não se reduz ao domínio de conteúdos específicos de sua área de atuação, mas uma reflexão contínua em torno de todas as variáveis que ocorrem na prática diariamente e que são difíceis de prever, isto é, as relações interpessoais em sala de aula que, por vezes, são deveras conflituosas por falta de habilidade das pessoas envolvidas em respeitarem os princípios de alteridade e de autonomia.

É necessário que o professor transcenda os limites que se apresentam inscritos em seu trabalho, superando uma visão reducionista da prática, na qual os problemas se resumem a questões específicas do conhecimento curricular que, embora sejam muito importantes, é necessário refletir criticamente de modo a tomar consciência de seu fazer pedagógico.

Xavier (2002) ressalta a necessidade de que o desenvolvimento do trabalho docente seja constantemente analisado, questionado, avaliado, confrontado de maneira a construir uma prática pedagógica que promova aprendizagens de qualidade em sala de aula. Em razão disso, é mister que o professor paute-se em conhecimento científico para proceder às análises e modificações de sua prática.

Paulo Freire (1998) argumenta que a docência é um exercício educativo que deve estar orientado para a transformação por meio do diálogo. Mas um diálogo ousado, motivado por uma prática inconformada com as injustiças sociais e concomitantemente nutrida pelo profissionalismo e pelas virtudes inerentes a essa profissão.

Daí uma das características básicas da docência que trabalhamos nas oficinas: o diálogo, que é formulado como eixo e “selo da relação gnosiológica” (FREIRE, 1998, p.6).

O professor precisa, portanto, assumir o diálogo como princípio orientador de sua prática. Isto, em outras palavras, implica na abertura ao conhecimento e ao universo dos alunos, a fim de melhor compreendê-los e com eles trocar conhecimentos.

Implica igualmente na cooperação que decorre da diminuição de distâncias entre professores e alunos, engendrando uma mútua transformação. Possibilidade que pode ser exercitada no contexto escolar principalmente no espaço da construção do conhecimento nas oficinas pedagógicas.

Iniciamos o trabalho com a apresentação do projeto de intervenção e do cronograma de aplicação aos professores participantes. Foram realizados debates sobre a viabilidade de aplicação do material proposto e sobre a abordagem da oficina pedagógica que foi apresentada como uma metodologia de trabalho em grupo, caracterizada pela construção coletiva de um saber, de análise da realidade e de confrontação e intercâmbio de experiências (CANDAU, 1999).

O projeto foi implantado em uma turma de professores de várias disciplinas do Ensino Fundamental e Ensino Médio do Colégio Estadual Alberto Santos Dumont de Cafelândia - Pr. As oficinas foram realizadas por meio de comparação e troca de experiências através de fundamentação teórica e prática, fazendo-se uso de textos dos autores aqui referidos, filmes, dinâmicas, imagens, poemas e músicas.

Enfocamos, para uma sensibilização inicial, a valorização de si mesmo cuja finalidade era a de despertar para a valorização de si e encontrar-se consigo e com

seus valores. Para isso fizemos a dinâmica do espelho, ouvimos a música “É só o amor” da Legião Urbana e assistimos os slides “A fábula das pulgas”. Discutimos a letra da música fazendo um confronto com nossas realidades e com a fábula. Ao final compartilhamos como cada um se sentiu ao participar da dinâmica e ao partilhar sobre si, seu eu, seus projetos.

O respeito e tolerância foram os temas abordados, onde procuramos debater sobre diferenças e as peculiaridades de cada indivíduo. Apresentamos o mito de Procrusto que serviu como base para refletirmos sobre a tarefa contínua de ensinar a respeitar e tolerar o outro com suas diferenças e peculiaridades.

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Reconhecer a qualidade do outro é um ato afetivo de qualificação e de promoção. Facilitar o crescimento, da mesma forma é um serviço de amor e de dedicação. Para permitir e facilitar um processo de formação do educando é necessário esta mobilização afetiva sem a qual este processo não acontece.

A capacidade de amar é o fundamento do processo de assumir e de assumir-se: Um dos papéis mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e de todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1999:46)

Procuramos despertar a arte de administrar as diferenças – as alteridades com a poesia: “Eu sou trezentos” de Mário de Andrade e o texto: *O que é o outro e o que é o eu?* De Sílvio Gallo ,(2003), e algumas cenas do filme *Blade Runner*.

Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam nossa potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem nossa potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza.

A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. Por esta razão, o tema do outro é um dos grandes problemas a serem pensados pela educação escolarizada. A questão é saber se, quando falamos em alteridade na educação, estamos, de fato, falando no outro e na possibilidade de encontros, ou se estamos falando do mesmo, e sempre da redução ao mesmo, portanto sem qualquer possibilidade de encontro.(Gallo,2003)

Discutimos sobre a filosofia da diferença, num “pensamento do exterior”, de tomar a diferença em si mesma, o outro em si mesmo, e não como conceitos, mas como representações. (Gallo, 2003)

O espaço escolar e relações de poder por vezes são permeadas de pequenas violências que podem inviabilizar um diálogo efetivo entre as heterogeneidades. Para esse objetivo exibimos o filme “Entre os muros da escola” e estudamos o texto: “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo” de Tomaz Tadeu da Silva (1999, p.156). Ao final fizemos um paralelo com nossa realidade no cotidiano escolar e elencamos possibilidades de mudança dessa realidade.

Para Silva, definições não revelam uma suposta ‘essência’ do currículo: “uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa que o currículo é” (p. 14).

Segundo ele, há questões que toda teoria do currículo enfrenta: qual conhecimento deve ser ensinado? O que eles (alunos) ou elas (alunas) devem ser, ou melhor, que identidades construir? Com base em quais relações de poder serão essas perguntas respondidas? O texto está dividido em duas partes. A primeira aborda teorias tradicionais e teorias críticas, apresentando a origem dos estudos sobre currículo, a gênese das teorias críticas e estudos de vários autores, entre eles: Michael Apple, Henry Giroux, Paulo Freire, Demerval Saviani etc. A segunda parte aborda as teorias pós-críticas, ressaltando os conceitos de: a) identidade, alteridade e diferença; b) subjetividade; c) significação e discurso; d) saber-poder; e) representação; f) cultura; g) gênero, raça, etnia e sexualidade; h) multiculturalismo.

O autor conclui reafirmando que o currículo “é uma questão de saber, poder e identidade” (p. 148), fazendo ainda uma relação entre as teorias críticas e pós-críticas do currículo: as teorias pós-críticas podem nos ter ensinado que o poder está em toda parte e que é multiforme. As teorias críticas não nos deixam esquecer, entretanto, que algumas formas de poder são visivelmente mais perigosas e ameaçadoras do que outras (p. 147).

Na visão do autor, depois de conhecer as teorias críticas e pós-críticas, torna-se impossível conceber o currículo de forma ingênua e desvinculado de relações sociais de poder. Para as teorias críticas isso significa nunca esquecer, por exemplo, a determinação econômica e a busca de liberdade e emancipação; e para as pós-críticas significa questionar e/ou ampliar muito daquilo que a modernidade nos legou.

Procuramos considerar a autonomia como um princípio da educação, o qual deve ser desenvolvido, a partir da relação com o outro foi o assunto abordado e usando os Textos: “A Formação do sujeito Autônomo” de Viviane Grimm e “Sem autonomia, sem alteridade” de Roberto Darte, lemos e confrontamos em plenária estes textos, discutindo, ponderando e posicionando-nos.

Neste texto Viviane Grimm diz que alguns indícios assinalam que a instituição escolar continua cumprindo sua função, formando sujeitos para atender à ordem social na qual está inserida. A preocupação com a “formação do sujeito autônomo” na escola mostra uma maneira da maquinaria escolar preparar a população para ser gerida em profundidade, em fineza e no detalhe. A escola continua produzindo um homem que se conforma.

No entanto, não esquecendo Foucault, onde há poder há resistências. Portanto, ao mesmo tempo em que a vida das pessoas está sendo produzida, essas pessoas podem estar procurando outros espaços de liberdade, linhas de fuga e possivelmente construindo sua estética da existência.

Conforme Foucault (*apud* GRIMM, 2009) “Não sei se é preciso dizer hoje que o trabalho crítico também implica a fé nas Luzes; ele sempre implica, penso, o trabalho sobre nossos limites, ou seja, um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade”. (Grimm, 2009)

Por sua vez, Darte (2009), fundamentado em Jean Piaget, enfatiza que a autonomia é um pré-requisito para se chegar à alteridade. Piaget, um dos teóricos que embasaram o denominado Construtivismo, relacionou a autonomia com as relações cooperativas.

Neste sentido, o sujeito autônomo é, antes de tudo, alguém que, no desenvolvimento de suas ações, reconhece a existência do outro e, por isto mesmo, passa a reconhecer por sua própria opção a necessidade de regras, de hierarquia, de autoridade. Nesta perspectiva, autonomia é sinônimo de autoconsciência, de autodeterminação, em prol não somente do próprio crescimento enquanto ser que pensa e aprende, mas de um bom convívio social, pautado no respeito mútuo de idéias e opiniões (DARTE, 2009).

No que se refere ao tema “relacionamentos” buscamos entender a importância do estudo dos relacionamentos sociais do homem, no momento atual, a pós-modernidade e perceber que tais relacionamentos contribuem na formação

humana e exercem influências, principalmente na formação de tribos, grupos ou comunidades.

... somos “uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso alguma importância”. Agimos em sincronia de forma inconsciente, configurando a sociabilidade. Nesta, representamos papéis, e como tais, nossos figurinos, cabelos, linguagens, gostos, nos identificam nessa peça coletiva, tornam-se nossas máscaras. Nessa concepção, entendemos que a “vida pode ser considerada uma obra de arte coletiva”, e para elaborarmos essa arte, para encenarmos essa peça, o “estar junto é fundamental” (MAFFESOLI, 1998, p. 114-115).

Os temas da convivência, justiça e proteção nos auxiliaram a perceber que os princípios de convivência, de justiça, de proteção dos mais fracos e a própria idéia de dignidade humana aparecem registrados em documentos de sociedades de diferentes tempos, culturas e localizações geográficas.

Os textos: “Direitos humanos: Quem teve essa idéia” de CANDAU & , ZENAIDE (1999), nos fizeram repensar sobre o que pode e deve ser considerado aceitável no campo das possibilidades humanas, se a experiência humana pode/deve excluir os desvios e as anormalidades que ela mesma produz, se a integração dos casos limite é decisiva para a constituição do que chamamos de humanidade e como, através da educação, diminuir significativamente a proporção da hostilidade explícita aos direitos humanos nas várias camadas sociais.

No desenvolvimento de nossa intervenção pedagógica refletimos sobre a importância do próximo em nossa vida com a ajuda dos Slides “Cativar” do livro “O Pequeno Príncipe”, realizamos a dinâmica de encerramento “Auxílio mútuo” e discutimos a relevância destas oficinas para o trabalho docente desta escola;

À medida que participavam das oficinas, os professores se posicionavam a respeito da mesma como podemos observar nos exemplos de falas:

Professor 1- “A proposta de seu trabalho é condizente com a realidade escolar e possível de ser aplicada aos alunos, podendo apresentar-se como estímulo aos professores para o desafio do trabalho de conscientização dos papéis dos professores e dos alunos para o bom convívio em sala de aula.”

Professor 2 - “É importantíssimo o trabalho apresentado para a implementação na escola, pois trata do aprofundamento sobre questões que orientam as relações interpessoais instrumentalizando-nos com subsídios teóricos e práticos na escolha de metodologias que favoreçam o processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula.”

Professor 3 - “No processo ensino-aprendizagem, o professor na sala de aula só terá sucesso, se o ambiente se tornar prazeroso e agradável havendo respeito entre aluno/professor, aluno/aluno e no emprego de atividades diversificadas e dinâmicas e é basicamente o que apresenta este projeto”.

Professor 4 - “Apliquei a unidade didática em minha turma de 7º ano, eles gostaram muito e o resultado foi muito bom”.

Professor 5 – Este projeto traz à reflexão um olhar diferenciado para o foco nas relações Eu/outro, no intuito de retomar o sentido do humano no ato ensinar, coisa esquecida frente a todas as cobranças do dia a dia.

Professor 6 – Comecei esta oficina meio sem vontade, mas, a criança que mora em mim despertou depois da primeira dinâmica e o adulto acordou percebendo que preciso mudar o meu foco, a minha metodologia e as minhas prioridades em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do projeto na escola foi, do nosso ponto de vista, muito profícua, graças ao apoio recebido da Equipe Pedagógica e da Direção. Com o passar dos dias as oficinas tornaram-se mais interessantes e motivadoras e, com isso tivemos uma participação mais efetiva dos professores que entenderam que vivemos uma realidade complexa, uma diversidade humana e uma prática pedagógica a ser repensada tornando imprescindível, o reconhecimento de nossos limites, mas também de nossas possibilidades, utopias e limitações presentes no processo educativo, que precisam ser superadas, encontram-se a afabilidade e a alegria com o outro por suas diferenças.

Por isso, é necessária uma reflexão conjunta, prevista na organização da escola, sobre a práxis dos educadores comprometidos com as relações e a inclusão solidária.

Inclusão que, depois da participação nas oficinas, percebeu-se, inicia com o olhar que comunica algo, com o sorriso que aproxima e acaricia, mas, principalmente com o poder da linguagem que abraça e impulsiona a saltar sobre abismos e a voar.

Os participantes gostaram das atividades diferenciadas trabalhadas com eles e esperamos que possa servir de motivação para os professores da rede a

estarem utilizando a Oficina Pedagógica também como parte integrante das aulas para uma melhoria do aprendizado dos alunos.

Pelos posicionamentos dos professores e suas observações durante as oficinas, esta proposta foi condizente com a realidade do dia a dia escolar e viável de ser aplicada, ficando claro que pretendemos, com este projeto, socializar nossas inquietações e esperanças e também apontar caminhos.

Não foi a nossa pretensão dar soluções ou fórmulas, mas pistas para uma resposta concreta à exigente tarefa de ensinar com qualidade a partir da realidade que nos interpela — a sala de aula —, apontando para a urgente necessidade de mudança de mentalidade e atitude.

Vários participantes das oficinas disseram que não consideram a realidade escolar um caos, mas admitem que nem tudo são flores. Por exemplo, nos angustiamos quando encontramos salas de aula onde muitos alunos não conseguem aprender, outros não apresentam interesse pelo estudo e um número significativo, frequentemente, é colocado para fora da sala por indisciplina.

Também nos inquieta quando os professores afirmam que “os alunos não querem nada”, “são desinteressados” e “estão desmotivados”; que “há alunos dormindo na hora da aula porque passam a noite navegando na internet”; que “a maioria fica querendo usar celular e MP3 no horário da aula”; e, dentre outras constatações, que “a dificuldade da escola vem da família, que não sabe dar limites e, cada vez mais desestruturada, delega toda a responsabilidade da educação para a escola e não acompanha a vida escolar dos filhos”.

Tais afirmações denotam que alguns professores preferem colocar toda a responsabilidade, pelos problemas vivenciados em sala de aula, nos alunos e na família. Podemos agregar aos desafios cotidianos da sala de aula a dificuldade que o professor demonstra em lidar com a heterogeneidade e de ver na diversidade uma fonte de riqueza.

A sala de aula é um fenômeno rico e complexo, que abriga uma diversidade de ânimos, classes sociais e econômicas, sentimentos, etc. Muitas vezes, o professor desperdiça essa riqueza, ou parte dela, quando insiste em uniformizar métodos, atitudes e formas de pensar e não consegue romper com o estático/rígido nem se abrir para o convívio com a singularidade e complexidade do ser humano.

O aprofundamento teórico da noção de alteridade e da autonomia tem o potencial de qualificar as relações interpessoais e a atuação docente na implantação de ações que, por meio do diálogo, possibilitem o acolhimento das diferenças nos modos de ser e de viver de todos os membros da escola.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Por uma educação Romântica. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002

CANDAU, V. M., ZENAIDE, M. N. T. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos**. João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos; Secretaria da Segurança Pública do estado da Paraíba; Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.

DARTE, R. **Sem autonomia, sem alteridade**. Disponível <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1766685>. Acesso 09 out 2012.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **Cativar, O pequeno Príncipe**. Disponível <http://www.slideshare.net/tulipazul1/o-principezinho-de-antoine-de-saintexupry#btnNext> . Acesso 10 nov 2012.

FERREIRA, C. R. **Mídia e Direitos Humanos**. Disponível [http://www.redhbrasil.net/documentos/biblioteca\\_on\\_line/modulo3/mod\\_3\\_3.3\\_5\\_midiaedh\\_carmelio.pdf](http://www.redhbrasil.net/documentos/biblioteca_on_line/modulo3/mod_3_3.3_5_midiaedh_carmelio.pdf). Acesso 21 nov 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. 9 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

GALLO, S. **Eu, o outro e tantos outros**: educação, alteridade e filosofia da diferença. Disponível <http://www.grupodec.net.br/ebooks/GalloEuOutroOutros.pdf>. Acesso 09 out 2012.

GHEDIN, Evandro Luiz. **Professor reflexivo**: da alienação da técnica à autonomia da crítica. Disponível na página <http://www.anped.org.br/24/P0807764775255.doc>. Acesso 08 nov 2012.

GRIMM, Viviane. **Formação do Sujeito Autônomo**. Disponível na página <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1447>. Acesso 09 nov 2012.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas

sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PINTO, C. **Escola e autonomia**. In A. Dias, A. Silva, C. Pinto, I. Hapetian, A autonomia das escolas: um desafio. Lisboa: Texto Editora, 1998, p. 9-24.

PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **Autoria de pensamento e alteridade**: temas fundantes de uma relação pedagógica amorosa e libertadora. In.:Psicopedagogia: um portal para a inserção social. Organizado Por Sílvia Amaral. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In.

NÓVOA, A. (org.). **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

XAVIER, Rosely P. **Reflexões sobre o fazer pedagógico**: Em busca da compreensão e consciência crítica. In.:Anais Do II Fórum Internacional De Ensino De Línguas Estrangeiras (FILEII). Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS, 2002.